

RESUMO

Este artigo tem como objetivo demonstrar como a imagem do Orago Mor o Senhor Bom Jesus de Cuiabá tornou-se uma tradição na cuiabania. A imagem do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, que encontra-se instalada no altar Mor da Basílica Menor da cidade de Cuiabá, chegou em 1729 e a partir daí foi tomando dimensão no imaginário da população até tornar-se padroeira da cidade, da mesmo forma que a capela coberta de palha, fundada por Jacinto Barbosa Lopes, em 1722, tornou-se Matriz/Catedral, sinônimo de opulência e grandeza para a sociedade local.

ABSTRACT

This article has the ajective to demonstrate how the grand orago's image the Senhor Bom Jesus of Cuiabá became a tration in its culture. The image of the Bom Jesus de Cuiabá instaled in the grand altar of the Minor Basílica in Cuiabá arrived in 1729 since then it was taking a big dimension in the imagination of the local people until it turn into the city's protector, in the same way the chapel covered of straw fouded by Jacinto Lopes in 1722 became Cathedral meaning of opulence and magnitude for the local society.

O SENHOR BOM JESUS DE CUIABÁ TRADIÇÃO INVENTADA – IGREJA EDIFICADA

Leilla Borges de Lacerda*

A imagem do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, que se encontra instalada no altar mor da Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, na capital do Estado de Mato Grosso, é um documento/monumento¹ passível de várias leituras e interpretações que o historiador pode utilizar para desenvolver o seu ofício. Pensando assim a elegemos documento referendador deste trabalho, e agente propulsor das reflexões aqui construídas.



Ao adentrarmos nesta representação da fé católica local, ou seja a Basílica, a encontramos postada no centro do imponente mosaico de pedras coloridas, representando a glória do Cristo Rei.

Foi esta imagem fabricada de madeira na vila de Sorocabá por mãos de uma mulher; trouxe-a consigo um Pe-

* Professora na Faculdade de Educação da Universidade de Cuiabá, UNIC. Mestranda em História na UFMT.

1 Utilizaremos o conceito no sentido expresso por Le Goff: "...o monumento é um sinal do passado(...) é tudo aquilo que pode evocar o passado perpetuar a recordação, por exemplo os atos escritos. (...) O monumento tem como característica a ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária das sociedades históricas (é um legado de memória coletiva) e o reenviar a testemunhas que só uma parcela mínima são testemunhos escritos". Jacques Le Goff. História e memória. 1994, p. 535.

*dro de Moraes, natural da mesma vila nos primeiros anos que estes sertões povoavam.*²

Esculpida em madeira, no século XVIII, por mãos femininas, tem os traços leves e finos, seus olhos são castanhos, diferentes das outras imagens de Jesus que são azuis, este Jesus não traz a serenidade no olhar. Sua feição é altiva, não expressa nenhum sofrimento, por mais que em seu rosto escorra filetes de sangue. Sua boca é bem contornada e em sua volta aparece uma barba ondulada. Sua cabeleira castanha e farta, cobre os ombros em forma de cachos, cabelo natural, ou seja, humano. No alto da cabeça um resplendor de ouro usado nas procissões, e não a coroa de espinhos.

O resplendor de ouro, diferente da coroa de espinhos que exprime o sofrimento, é símbolo da glória do Senhor que venceu a morte, é o triunfo da vida, por isso o seu uso nas procissões. É a exaltação da vida de Jesus na magnitude, é a ostentação do poder divino.

Seus braços estão cruzados e atados um pouco abaixo do peito e na mão direita segura um pedaço de colmo de cana³, no caso de açúcar, em prata e à guisa de cetro. Ao colocarem nas mãos de Jesus um cetro de cana, retomam a humilhação que este sofreu ao apanhar com um pedaço de "cana" antes da sua caminhada no calvário⁴. Tanto o cetro de cana como a coroa de espinhos procuram representar a sujeição do Cristo homem, despido das vaidades humanas entregue à ira dos seus algozes.

Os ombros nus estão cobertos por um manto de veludo vermelho todo bordado com fios dourados, contornado por passamanaria também dourada. O manto é também um com-

2 SÁ, José Barbosa de. *Relação das povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. 1975, p. 15.

3 "Cana: caule de várias plantas da família das gramíneas, tais como a taquara, o bambu, a cana-de-açúcar, etc." FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, s.d.

4 *Bíblia Sagrada*, Mateus. Cap. 27, Versículo 27.

ponente da ostentação da Glória divina.

Os órgãos genitais encontram-se ocultados por um perisômio esculpido na própria imagem. As pernas são bem torneadas e na esquerda escorre dois fios vermelhos de sangue, pés descalços, pousados em uma plataforma de madeira que o sustenta em pé, mede aproximadamente 1,50 m (um metro e cinquenta centímetros) de altura.

Ao instalarem a imagem do Senhor Bom Jesus de Cuiabá no altar Mor da igreja, esta arte sacra tem um sentido para o conjunto de pessoas que estão familiarizadas com as práticas religiosas da igreja Católica ou do mundo cristão. Fora desse contexto seria apenas uma figura humana, esculpida em um pedaço de madeira.

Nesse sentido concordamos com Panofsky, quando este afirma que:

*A análise iconográfica, que trata as imagens, em vez de motivos, implica, é claro, muito mais do que simples familiaridade com objetos e ações que fomos adquirindo através da experiência prática. Pressupõe uma familiaridade com temas ou conceitos específicos, tal como foram transmitidos através de fontes literárias e adquiridas através da leitura ou da tradição oral.*⁵

A análise da imagem do Senhor Bom Jesus de Cuiabá situa-se nessa perspectiva, uma vez que pode ser identificado como uma imagem que representa Cristo, por um conjunto de pessoas que comungam estas práticas culturais da igreja Católica.

*Para quem conhece a história e a alma cuiabanas, o "Orago Mor" o Senhor Bom Jesus de Cuiabá é a vida da própria vida, a história da história de cada família, aquele que de fato, é de ontem, de hoje, de sempre.*⁶

⁵ Panofsky, Erwin. *Estudos de Iconologia* – temas humanísticos na arte do renascimento. 1995, p. 24.

⁶ Cometi, Pedro: Prefácio. In: Leite, Luiz Philippe Pereira. *Três sorocabanos no Arraial*. 1995, p. 221.

A imagem do Senhor Bom Jesus de Cuiabá portanto, diluiu-se na identidade do povo cuiabano, tornando-se uma simbiose que acompanha essa população desde 1729, quando Jacinto Barbosa Lopes erigiu uma igreja coberta de palha em sua homenagem.

O sítio urbano da cidade de Cuiabá, teve seu início em 1722 através da bipolarização fundamental: a leste na margem esquerda do córrego da Prainha, instalou-se um espaço de produção com a mineração de jazidas auríferas aluvionais esparramadas pelas faldas dos morros; a oeste, na margem direita do córrego, instalou-se um espaço de poder construído pela igreja (depois matriz) do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.⁷

Neste espaço urbano, bem no centro da cidade, que um dia foi igreja, Matriz, Catedral, e hoje Basílica menor do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, nasceu e cresceu na memória da comunidade cuiabana a construção do ícone Bom Jesus.

A imagem do padroeiro da cidade, que os cuiabanos veneram respeitosamente tem também sua lenda, como escreveu Francisco Alexandre Ferreira Mendes, no Correio da Imprensa.

Numa ilha formada por dois braços do rio Paraná, entre a Foz do rio Pardo e o rio Verde, em 1728 segundo o diário de viagem de Lacerda e Almeida, “Manoel Home”, criminoso foragido da justiça, ali se escondeu levando consigo a imagem do Bom Jesus, colocando-a num rancho de palha, que preparou para protegê-la. Foi uma mulher de Sorocaba, diz a crônica, que fabricou a imagem. Não se sentindo seguro do esconderijo, “Manoel Home” retirou-se deixando no local a ima-

7 Carlos Alberto Rosa, *Notas para um espaço urbano de Cuiabá*. 1986, p. 11.

*gem protetora. Um comerciante dirigindo-se de Cuiabá à São Paulo achou-a e querendo conduzi-la, é tradição constante, não consegui removê-la, sendo feita de lenho, de medíocre gravidade, o que causou estranheza; por isso lá a deixou. Sabendo disto, o povo de Cuiabá solicitou ao Senado da Câmara, em Outubro de 1728, que expedisse as necessárias ordens e mandassem buscar a imagem. Trouxeram-na em um caixão que levaram feito. Chegou ao porto da Vila em Janeiro de 1729 e conduzida pelas principais personalidades foi colocada no altar mor da capela com grandes festas, missa solene e pregação ao Evangelho pelo religioso Franciscano Frei José Angola. Realizaram-se em regozijo do acontecimento banquetes, iluminação das ruas, representações teatrais, festas que duraram quatro dias.*⁸

O imaginário da sociedade cuiabana mato-grossense foi sendo construído a partir desse ícone-símbolo, que em momentos de dificuldades era calorosamente invocado pela população que saía às ruas em procissão, cantando louvores e solicitando a sua proteção.

*O imaginário social é construído por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos. Na medida em que tenham êxito em atingir o imaginário, podem plasmar visões de mundo e modelar condutas.*⁹

A imagem, sorrateiramente, foi tomando maior dimensão no imaginário da população até tornar-se padroeira da ci-

8 Mendes, Francisco Alexandre Ferreira. *O Correio da Imprensa*, 27/08/1972.

9 Carvalho, Jose Murilo de. *A formação das Almas*. O imaginário da República no Brasil. 1990, p. 10.

dade; na mesma proporção, a capela coberta de palha também tornava-se Igreja/Matriz/Catedral, sinônimo de opulência para a sociedade católica local.

Segundo Estevão de Mendonça¹⁰, os cabelos anelados, que adornam a frente da imagem representam uma dádiva de uma jovem cuiabana, Babuia era seu apelido, que deles se desfez, em cumprimento de voto. À confiança em ser amparado nos momentos de dificuldades financeiras, amorosas ou de saúde, os fiéis fazem promessas ao Bom Jesus, como sacrifícios em troca das graças alcançadas. O que provavelmente fez Babuia, ao cortar as suas madeixas e ofertá-las ao seu Senhor, como prova de gratidão.

Personifica-se dessa forma a aproximação e a distância entre o Jesus e os seus devotos, o que ele representa para os diferentes segmentos da sociedade local.

A festa da liturgia católica em homenagem ao Senhor Bom Jesus de Cuiabá, na data de 1º de Janeiro, realiza-se em procissão, todos os anos desde a sua chegada ao antigo arraial. O Senhor sai em andor, percorrendo as principais ruas e avenidas da cidade. Nesse dia, os devotos cumprem as promessas pelas graças recebidas, acompanham a procissão de pés descalços, segurando velas, enfim, é uma bela festividade religiosa.

Quando das comemorações dos 250 anos da fundação de Cuiabá a procissão do Senhor Bom Jesus, em 01 de Janeiro de 1969, foi um grande acontecimento. A procissão da história, “revivida”, como foi chamada, apresentava quadros em carros alegóricos contando fatos ligados à história de Cuiabá, entre eles, privilegiemos alguns:

O Pré-Histórico – os índios canoieiros que habitavam o vale cuiabano; A oferta. Reprodução de cena em que o indígena ofertou a Miguel Sutil um punhado de ouro, nessa oferta o bandeirante recebia a maior mancha de

10 Mendonça, Estevão de. *Datas Matogrossenses*, 1975.

*ouro do território brasileiro até então; A chegada da imagem do Senhor Bom Jesus em Cuiabá. Emocionante cena reproduzida num painel. Os bandeirantes tirando da canoa a imagem com admiração dos índios e garimpeiros. Uma imensa massa humana acompanhava a procissão. Era o passado e o presente de Cuiabá. O passado reproduzido nos quadros e o presente pelo povo. Enfim, num carro dourado e rico representando o ouro da nossa cidade levava a imagem do Bom Jesus, em destaque especial.*¹¹

Ao lado da Catedral ergueu-se um palco onde uma aluna do Ginásio Coração de Jesus, e filha de tradicional família de Cuiabá, dirigiu interessante coro falado, revivendo a chegada da venerada Imagem do Senhor Bom Jesus nos primórdios do século XVIII.

Reviveram e reforçaram, não só as tradições cuiabanas nessa festividade, mas também reafirmaram a devoção ao seu padroeiro, uma das maneiras de restabelecer a cuiabania ameaçada pelo grande número de migrantes. É interessante lembrar que nos finais da década de sessenta, Mato Grosso e mesmo Cuiabá é invadida por um grande fluxo de migração, principalmente de paranaenses.

Ficou estabelecido no encerramento das festividades em comemoração dos 250 anos, que uma outra procissão aconteceria um ano depois, em 01 de janeiro de 1970, como realmente aconteceu.

Dessa vez a venerada imagem foi transportada no dia 31 de Dezembro de 1969 para uma chácara delimitada pela margem direita do rio Coxipó, até a sua foz no Rio Cuiabá e por este acima, na sua margem esquerda, onde com a presença do pároco¹² da Catedral, houve missa solene.

11 Luis Philippe Pereira Leite. *Três Sorocabanos no Arraial*. 1985, p. 356.

12 Pe. Firmo P. Duarte Filho.

No dia seguinte a imagem percorreu o mesmo caminho quando da sua chegada a Cuiabá, em 1729.

Assim, em 1º de janeiro, a imagem embarcou em lancha para subir o Rio Cuiabá até o porto geral, junto à ponte Júlio Müller, seguida de cortejo de barcos, lanchas e canoas.

A acolhida foi emocionante e a população prestou-lhe a mais comovida homenagem, altas autoridades, inclusive o governador da época, Pedro Pedrossiam, e o povo em geral aguardavam o seu desembarque. Quando esta chegou, houve grande queima de fogos de artifício, e o povo em procissão levou em andor, o Bom Jesus, percorrendo as ruas 15 de Novembro, Dom Aquino, Couto Magalhães, 13 de Junho, Praça da República, até a Catedral ainda em construção, e no mesmo lugar onde se situava a antiga Matriz, implodida no ano anterior.

Com este ato, procuravam relembrar a chegada da imagem e a sua entrada pela primeira vez na Catedral, com toda pompa do ritual católico. Uma manifestação pública de fé que procurava reforçar, reconstruir e reafirmar a sua presença como o protetor da cidade.

Na adversidade, que muitas vezes afligiu o povo cuiabano, como na guerra do Paraguai, nas epidemias da difteria e varíola, a crença nos milagres do Bom Jesus estimulou a população para a resistência e defesa da terra.

No imaginário dos católicos cuiabanos, em 1834, após a cidade de Cuiabá ser abalada pela revolução nativista de 30 de maio, a imagem do Bom Jesus, em procissão pelas ruas, teve os olhos marejados de lágrimas.

Para a população cuiabana, o Bom Jesus abençoou seus amores, perdoou suas injustiças e os amparou nas horas difíceis. Os seus fiéis vêem e sentem o *seu* Jesus como:

...Senhor e Bom

... o Senhor que guiou os destinos da sua dramática história; é o Senhor perante o qual se curva o bandeirante indômito; é o Senhor cuja lei eterna, nesta remotas e esquecidas pastagens, onde mal chegam as ordens do

soberano, vigora e é respeitada.

... o "Bom" Jesus, a cujo coração se acolhe a família que trepida pela sorte do chefe, embrenhado pelos ínvios ser-tões; é o "Bom" Jesus a quem, nas horas dependendo e de solidão, recorre o desbravador altivo é o "Bom" Jesus cuja expressão de dor de amor e resignação infunde ânimo e coragem a este povo sofrido, esquecido e heróico.¹³

Esse Orago-Mor é uma tradição inventada¹⁴, por uma sociedade que tem sua gênese no século XVIII. O lugar escolhido para edificar a própria Igreja que tem o seu nome, é um espaço físico que se sobrepõe aos demais. Situa-se num altiplano com a frente voltada para o córrego da Prainha, numa posição de destaque, que mais tarde edificaria em seu entorno toda forma de representação do poder do estado.

Ao seguir o pensamento de Eric Hobsbawm sobre a invenção das tradições, e afirmamos ser o Senhor Bom Jesus de Cuiabá uma tradição inventada, retornamos à necessidade da criação da lenda que envolve a sua chegada a Cuiabá. Foi necessário estimular certas credences no imaginário da sociedade local para que esta o aceitasse como seu padroeiro. Perguntamos entretanto, padroeiro de quem? Qual o grupo social que se identifica com essa imagem? Qual o grupo que freqüentava e ainda freqüenta sua igreja?

Para respondermos a esses questionamentos, considerados importante a reconstrução da história da cidade de Cuiabá, desde o momento em que os bandeirantes paulistas, na busca de riquezas, trouxeram a sua concepção de mundo e transportando-a para a então nascente Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá.

¹³ Cometti, apud Leite, op. cit., p. 221.

¹⁴ Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas; ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição o que implica automaticamente, uma continuidade em relação do passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade comum passado histórico apropriado. Eric Hobsbawm. *A Invenção das tradições*. 1984, p. 9.

Jacinto Barbosa Lopes, fundador da igreja do Bom Jesus, não era um homem sem posses e desprovido de saber, já havia participado na edificação da Igreja do Carmo nas Gerais, tinha todo um conhecimento a respeito da elaboração de um espaço urbano, daí a escolha do lugar para a edificação da igreja.

Não podemos esquecer que o bandeirante pertencia a um grupo social e projetava nesse espaço, sua representação de poder. Não sabemos com precisão se Jacinto Barbosa era devoto do Bom Jesus, mas com ele nasce a configuração¹⁵ de um novo grupo e teve início o arraial de Bom Jesus de Cuiabá. Dá-se a partir daí a substituição das correlações de forças estabelecidas por Pascoal Moreira nos anos anteriores, marcando uma nova territorialidade.

A igreja do Cuiabá foi dedicada ao Bom Jesus, invocação do Passo do Ecce Homo. Não mais a invocação de Nossa Senhora da Penha de França, dos tempos do Coxipó Mirim. A diferenciação espacial e invocatória marcava mudanças políticas e econômicas. Como igreja feita sede de freguesia, ou Matriz, o templo tornou-se pólo de atração, emanados eixos de ligação com qualquer outro espaço significativo em particular lavras e porto. Simultaneamente, e certamente com a participação de Frei Pacífico dos Anjos, foi construída a capelinha para São Benedito, em nova bipolarização, típica de espaços urbanos setecentistas mineiros; brancos e pretos (...). como centro simbólico do aglomerado, a matriz passou a exercer atração sobre os signos de poder (...). Se toda igreja era morada do Santíssimo Sacramento, templo da Eucaristia, esta seria também lugar do instituto da Eucaristia. Espaço sagrado do duplo e um mistério maior: Encarnação e Eucaristia.¹⁶

15 Configuração lida por Roger Chartier em Nobert Elias: **Introdução a Sociologia**, 1980. Uma figuração é uma formação social (...) em que indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependência recíprocas e cujas reproduções supõe um equilíbrio de tensão.

16 Rosa, Carlos Alberto. **A vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá - vida urbana em Mato Grosso no século XVIII. 1722 - 1808**. 1998, p.24 (Tese de doutorado).

Na medida em que crescia o poder da igreja local este era acompanhado pelo crescimento e fortalecimento do *seu* Jesus. Paulatinamente a imagem assume um significado, é uma forma de conquista que sutilmente evoca a sua elevação. O Jesus torna-se Padroeiro da cidade. Afinidades se aproximam e se congregam na Irmandade do Senhor Bom Jesus. A ligação da Igreja com a política do Estado sublima todo esse processo de construção.

Para um olhar desatento, a ação de Jacinto, parece efêmera, isto é, edificar somente uma igreja coberta de palha, entretanto esta edificação não foi apenas mais uma igreja que ele levantou. Sabia ele da importância da Igreja Matriz para a afirmação dos espaços urbanos, era premissa da administração eclesiástica, de vigaria forânea, de freguesia. É nessa perspectiva que se entende o estímulo à fé ao Senhor Bom Jesus de Cuiabá como protetor da população cuiabana e a construção de sua igreja como componente urbano fundante do arcaial de Cuiabá.

Referências Bibliográficas

BARBOSA DE SÁ, José . **Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de Seos Princípios thé os presentes tempos** . Cuiabá: UFMT, 1975.

BIBLIA SAGRADA, 11. ed. Tradução dos Monges Beneditinos. São Paulo: Ave Maria, 1967.

BOUTIER, Jean e Julia, Dominique (Org.) **Passadas recompostas: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1998.

BURKE, Michel de. **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, s.d.

CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas: O imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBBSAWM, Eric. **A invenção da tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1994.

LEITE, Luiz Philippe Pereira. **Três Sorocabanos no Arraial: Mato Grosso nos seus primórdios**. São Paulo: Resenha Tributária, 1985.

MENDONÇA, Estevão de. **Datas Mato-grossenses**. Goiania: Rio Bonito, 1975. v. 1-2.

MENDONÇA, Rubens de. **Roteiro Histórico – Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá**. Cuiabá: Edições Igreja, 1975.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia: Temas humanísticos na arte do renascimento**. Estampa, 1995.

ROSA, Carlos Alberto. **A Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, (Vida Urbana em Mato Grosso no século XVIII 1722-1808**. (Tese de Doutorado - Síntese), Cuiabá, UFMT, 1998.

_____. **Evolução do Espaço Urbano de Cuiabá. Caderno de**

Documento n. 2, Notas Estudos de Tombamento, Ministério da Cultura . Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 1995.

_____. Notas para uma História do Espaço Urbano de Cuiabá, **Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, 1986.**